

## **“Comunicação é organização” – Entrevista com César Bolaño**

**Por Pablo Nabarrete Bastos e Manoel Dourado Bastos**

Há quem aponte um distanciamento entre Comunicação e Marxismo, na boa intenção de conjugá-los. O que não se leva em conta nesse tipo de observação é que, em si mesmo, o marxismo refletiu de variadas maneiras sobre a comunicação e temas correlatos, contribuindo não só para o âmbito do marxismo como para o próprio campo da Comunicação. Se há de fato uma separação, ela se dá de acordo com posições políticas e instituições na luta epistemológica que fundamenta o campo, o que, por sua vez, expressa aspectos das pressões sobre o marxismo no contexto social mais amplo. Por outro lado, certo refúgio do marxismo em alguns ambientes acadêmicos também expressa questões objetivas das contradições próprias às lutas de classes. Levando em conta que o longo processo de reestruturação produtiva da última quadra histórica colocou a comunicação em seu centro, reconhecer as possíveis relações entre Comunicação e Marxismo é tarefa urgente para avaliar e enfrentar as razões dos bloqueios a uma teoria marxista da comunicação, que conta com tradição sólida e multifacetada. Para falar sobre o tema, convidamos César Bolaño para uma entrevista em que ele trata de sua trajetória pessoal, as formulações originais da EPC, suas relações com outras correntes do marxismo tanto em geral quanto no âmbito da comunicação e as tarefas que se apresentam.



Creative Commons



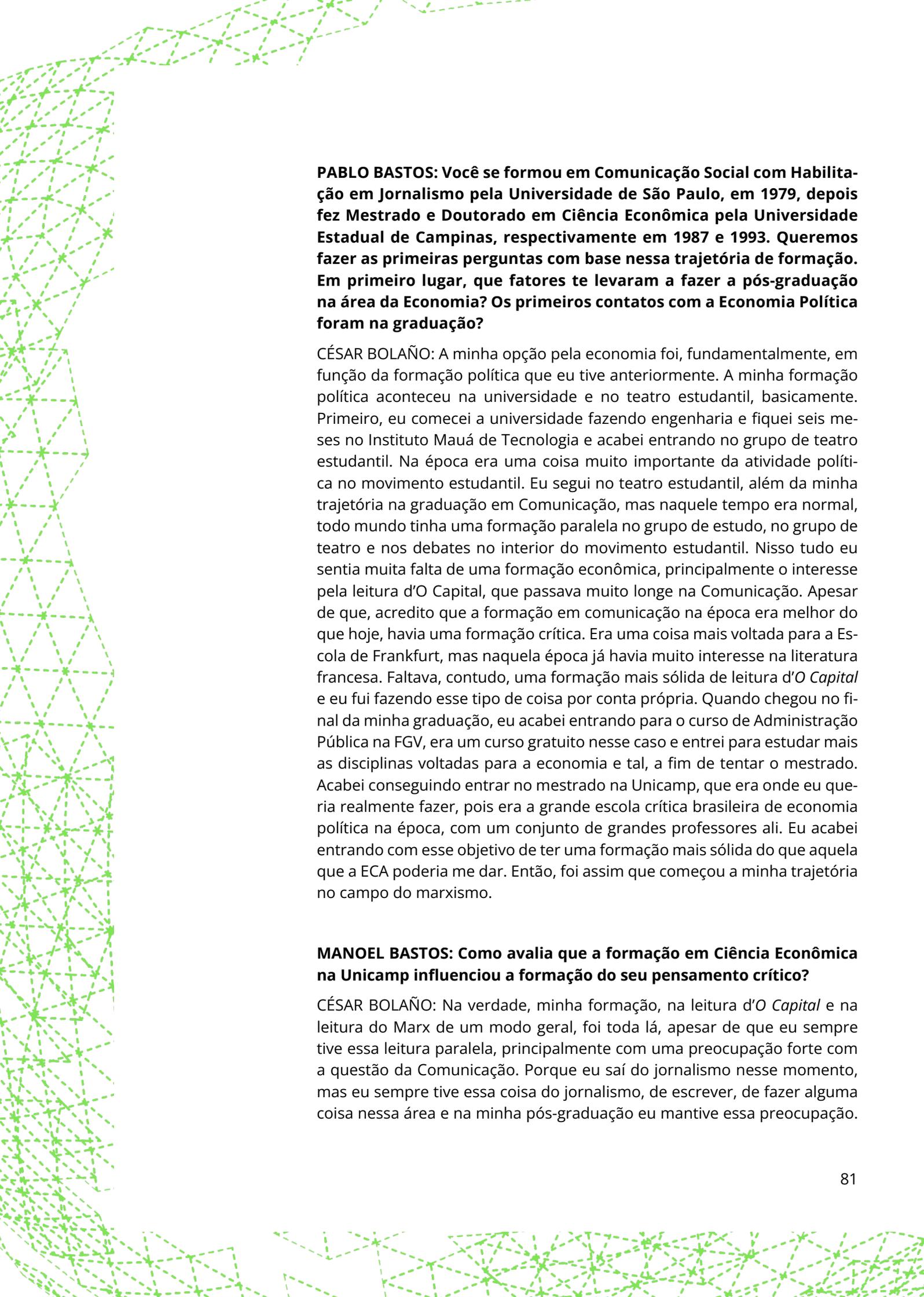
Atribuição



Não Comercial



Compartilhe Igual



**PABLO BASTOS: Você se formou em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade de São Paulo, em 1979, depois fez Mestrado e Doutorado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas, respectivamente em 1987 e 1993. Queremos fazer as primeiras perguntas com base nessa trajetória de formação. Em primeiro lugar, que fatores te levaram a fazer a pós-graduação na área da Economia? Os primeiros contatos com a Economia Política foram na graduação?**

CÉSAR BOLAÑO: A minha opção pela economia foi, fundamentalmente, em função da formação política que eu tive anteriormente. A minha formação política aconteceu na universidade e no teatro estudantil, basicamente. Primeiro, eu comecei a universidade fazendo engenharia e fiquei seis meses no Instituto Mauá de Tecnologia e acabei entrando no grupo de teatro estudantil. Na época era uma coisa muito importante da atividade política no movimento estudantil. Eu segui no teatro estudantil, além da minha trajetória na graduação em Comunicação, mas naquele tempo era normal, todo mundo tinha uma formação paralela no grupo de estudo, no grupo de teatro e nos debates no interior do movimento estudantil. Nisso tudo eu sentia muita falta de uma formação econômica, principalmente o interesse pela leitura d'O Capital, que passava muito longe na Comunicação. Apesar de que, acredito que a formação em comunicação na época era melhor do que hoje, havia uma formação crítica. Era uma coisa mais voltada para a Escola de Frankfurt, mas naquela época já havia muito interesse na literatura francesa. Faltava, contudo, uma formação mais sólida de leitura d'O Capital e eu fui fazendo esse tipo de coisa por conta própria. Quando chegou no final da minha graduação, eu acabei entrando para o curso de Administração Pública na FGV, era um curso gratuito nesse caso e entrei para estudar mais as disciplinas voltadas para a economia e tal, a fim de tentar o mestrado. Acabei conseguindo entrar no mestrado na Unicamp, que era onde eu queria realmente fazer, pois era a grande escola crítica brasileira de economia política na época, com um conjunto de grandes professores ali. Eu acabei entrando com esse objetivo de ter uma formação mais sólida do que aquela que a ECA poderia me dar. Então, foi assim que começou a minha trajetória no campo do marxismo.

**MANOEL BASTOS: Como avalia que a formação em Ciência Econômica na Unicamp influenciou a formação do seu pensamento crítico?**

CÉSAR BOLAÑO: Na verdade, minha formação, na leitura d'O Capital e na leitura do Marx de um modo geral, foi toda lá, apesar de que eu sempre tive essa leitura paralela, principalmente com uma preocupação forte com a questão da Comunicação. Porque eu saí do jornalismo nesse momento, mas eu sempre tive essa coisa do jornalismo, de escrever, de fazer alguma coisa nessa área e na minha pós-graduação eu mantive essa preocupação.



Primeiro, preciso fazer um parêntese e dizer que o mestrado na época era uma coisa muito importante. Não é como hoje que você faz um mestrado em dois anos, um ano e meio. Naquela época era diferente. Eu fiz um concurso para entrar, a famosa prova da Anpec, que existe até hoje. Após entrar, durante dois anos, eu estava estudando e continuando como a minha formação. Não tinha projeto de dissertação nem nada. Só depois que eu terminei os créditos é que eu fui pensar num projeto de dissertação. De maneira que o meu mestrado demorou mais que o doutorado. Então eu tive uma formação muito boa. Como eu vinha de uma outra área e não tinha formação em economia, foi uma coisa que exigiu muito de mim. Uma dedicação de 24 horas por dia de leitura muito intensa, foi uma coisa muito envolvente naquele momento. Assim, eu acabei definindo um projeto a partir dessa literatura que estava disponível, nem era tão marxista naquele momento. Quer dizer, só para deixar claro, era marxista no sentido geral, pois eu queria estudar um setor chave, que é o setor da comunicação, que tem um papel na estrutura social. Mas, quando eu fui estudar, primeiro eu tinha uma dúvida se ia pegar as indústrias culturais de modo geral ou se ia pegar só a televisão. Acabei pegando só televisão para dar mais um foco, mas entendendo a televisão como o núcleo de uma coisa maior. Em segundo lugar, eu tive que utilizar ferramentas de microeconomia heterodoxa para estudar aquilo enquanto mercado. Então, eu vou estudar a televisão brasileira historicamente como a constituição de um determinado mercado cultural, que é o mercado central da grande indústria cultural no Brasil. Nesse encaminhamento você pode ver que a influência do Furtado não é muito grande nesse momento. Minha leitura mais detalhada dele vai se dar muito depois, ali eu cito basicamente só a Formação Econômica do Brasil. A dissertação é muito mais influenciada pelos trabalhos do Instituto de Economia da Unicamp. Mas, há nela, por exemplo, uma questão que é fundamental no Furtado, também fundamental no Marx, observando como a economia é determinada por fatores de ordem extraeconômica que são fundamentais. Isso na comunicação fica bem evidente, você percebe claramente naquela análise que eu fiz sobre o mercado de televisão. Então, tem ali um fundo marxista importante, apesar de que eu tomei o cuidado de não citar o Marx, porque eu achava que não podia citar naquele nível que eu ainda estava de conhecimento, sem ter entrado mais a fundo na discussão teórica propriamente marxista. Mas, se você analisar o texto, você vai ver que no fundo, é uma abordagem marxista do fenômeno, incorporando a estrutura da análise do mercado etc., mas que a preocupação é fundamentalmente de definir historicamente uma estrutura de dominação como é a indústria cultural no Brasil.

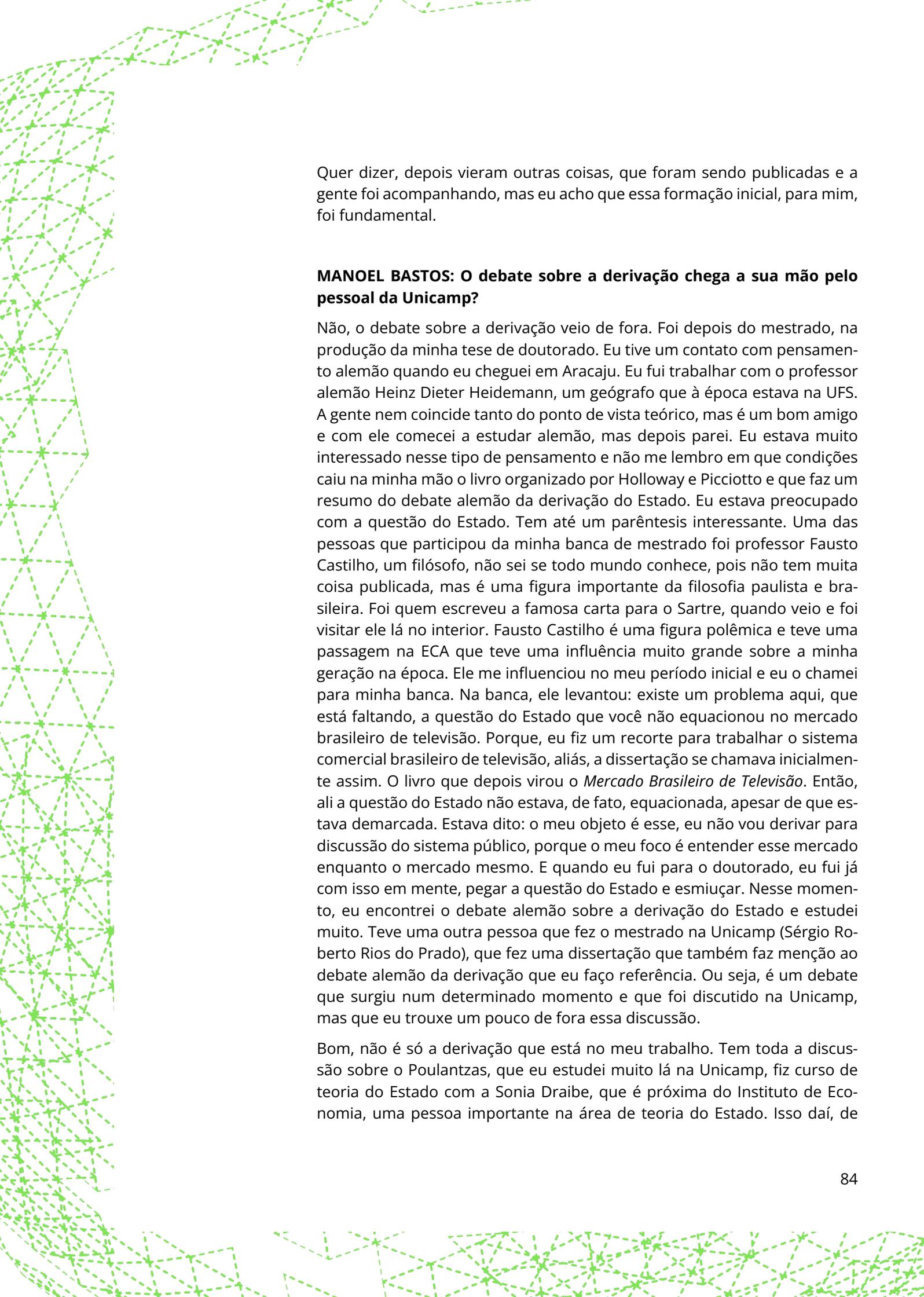
**PABLO BASTOS: Você tocou num ponto importante. Quando você fala em fatores extraeconômicos na Economia, a que exatamente você se refere? A categorias relacionadas a níveis mais altos de abstração em**

### **Marx ou outras esferas que se relacionam com a Economia, como a Comunicação?**

No caso do Max fica bem claro. Ele analisa o objeto como totalidade. Quer dizer, ele vai fazer a crítica da economia política, mas ele está estudando o modo de produção capitalista de um modo geral. E o que fica muito claro no trabalho dele, diferentemente dos economistas que virão depois, é que você tem elementos de ordem extraeconômica que estão no fundamento da economia. Então, no próprio processo de exploração do trabalho, as variáveis que definem são de ordem extraeconômica: o tempo de trabalho socialmente necessário, a duração da jornada de trabalho, são fatores de ordem política que definem a taxa de exploração, que definem a economia nos seus fundamentos. No Marx isso é muito evidente. No Furtado também, ele tem uma visão importante a respeito desse problema. Quando ele define o estruturalismo histórico latino-americano, diferente do estruturalismo francês (é outra coisa), ele diz que o que caracteriza o estruturalismo histórico latino-americano é a preocupação com as estruturas e com os fatores extraeconômicos que estão relacionados com as estruturas econômicas. É uma coisa profundamente arraigada no Marx de maneira muito clara e que tem profundas raízes no pensamento latino-americano, no Furtado em particular. Isso está presente na minha formação, embora talvez não tivesse tão evidente para mim naquele momento. Mas, hoje, pensando mais no assunto, eu vejo qual é a raiz da minha própria visão das coisas.

**MANOEL BASTOS: Aproveitando que a gente está falando da influência do Instituto de Economia da Unicamp no seu pensamento na primeira metade dos anos 1980, podemos falar sobre a importância para você de três fatores relevantes do pensamento de Marx nessa escola. Primeiro, a importância do marxismo na perspectiva sobre o capitalismo tardio do João Manuel Cardoso de Mello e nas pesquisas da Maria da Conceição Tavares. Em seguida, o trabalho de Frederico Mazzucchelli (*A contradição em processo*) estudando o debate marxista sobre a crise. Por fim, a chegada da *Teoria Marxista do Valor*, de Isak Illich Rubin, com prefácio de Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo. Você toma contato imediato com tudo isso ou só com o tempo foi assimilando a suas pesquisas?**

Minha formação foi justamente nesse período. Eu fui aluno do Mazzucchelli, que deu um curso de economia política junto com Belluzzo, que deu algumas aulas. Então eu tive esse acompanhamento do Rubin na época, mas também o do Rosdolsky. São trabalhos que tiveram muita influência no debate que eu acompanhei lá na Unicamp. Teve uma leitura que eu fiz depois dos *Grundrisse*. Essa foi a formação que a gente teve naquela época e eu acredito que até hoje é uma perspectiva muito sólida do ponto de vista intelectual. O Rubin eu uso até hoje para dar aula, é um autor fundamental.

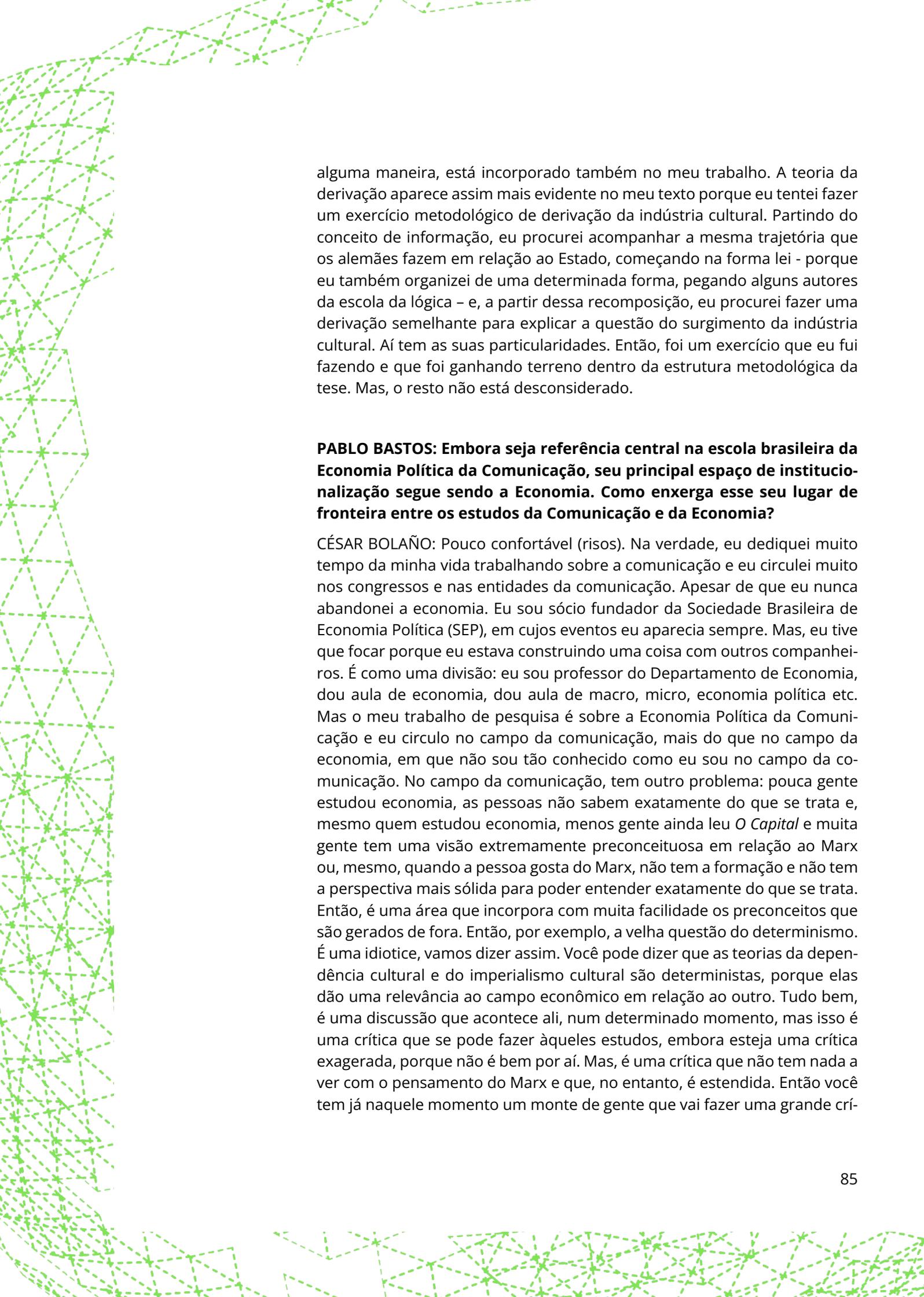


Quer dizer, depois vieram outras coisas, que foram sendo publicadas e a gente foi acompanhando, mas eu acho que essa formação inicial, para mim, foi fundamental.

**MANOEL BASTOS: O debate sobre a derivação chega a sua mão pelo pessoal da Unicamp?**

Não, o debate sobre a derivação veio de fora. Foi depois do mestrado, na produção da minha tese de doutorado. Eu tive um contato com pensamento alemão quando eu cheguei em Aracaju. Eu fui trabalhar com o professor alemão Heinz Dieter Heidemann, um geógrafo que à época estava na UFS. A gente nem coincide tanto do ponto de vista teórico, mas é um bom amigo e com ele comecei a estudar alemão, mas depois parei. Eu estava muito interessado nesse tipo de pensamento e não me lembro em que condições caiu na minha mão o livro organizado por Holloway e Picciotto e que faz um resumo do debate alemão da derivação do Estado. Eu estava preocupado com a questão do Estado. Tem até um parêntesis interessante. Uma das pessoas que participou da minha banca de mestrado foi professor Fausto Castilho, um filósofo, não sei se todo mundo conhece, pois não tem muita coisa publicada, mas é uma figura importante da filosofia paulista e brasileira. Foi quem escreveu a famosa carta para o Sartre, quando veio e foi visitar ele lá no interior. Fausto Castilho é uma figura polêmica e teve uma passagem na ECA que teve uma influência muito grande sobre a minha geração na época. Ele me influenciou no meu período inicial e eu o chamei para minha banca. Na banca, ele levantou: existe um problema aqui, que está faltando, a questão do Estado que você não equacionou no mercado brasileiro de televisão. Porque, eu fiz um recorte para trabalhar o sistema comercial brasileiro de televisão, aliás, a dissertação se chamava inicialmente assim. O livro que depois virou o *Mercado Brasileiro de Televisão*. Então, ali a questão do Estado não estava, de fato, equacionada, apesar de que estava demarcada. Estava dito: o meu objeto é esse, eu não vou derivar para discussão do sistema público, porque o meu foco é entender esse mercado enquanto o mercado mesmo. E quando eu fui para o doutorado, eu fui já com isso em mente, pegar a questão do Estado e esmiuçar. Nesse momento, eu encontrei o debate alemão sobre a derivação do Estado e estudei muito. Teve uma outra pessoa que fez o mestrado na Unicamp (Sérgio Roberto Rios do Prado), que fez uma dissertação que também faz menção ao debate alemão da derivação que eu faço referência. Ou seja, é um debate que surgiu num determinado momento e que foi discutido na Unicamp, mas que eu trouxe um pouco de fora essa discussão.

Bom, não é só a derivação que está no meu trabalho. Tem toda a discussão sobre o Poulantzas, que eu estudei muito lá na Unicamp, fiz curso de teoria do Estado com a Sonia Draibe, que é próxima do Instituto de Economia, uma pessoa importante na área de teoria do Estado. Isso daí, de



alguma maneira, está incorporado também no meu trabalho. A teoria da derivação aparece assim mais evidente no meu texto porque eu tentei fazer um exercício metodológico de derivação da indústria cultural. Partindo do conceito de informação, eu procurei acompanhar a mesma trajetória que os alemães fazem em relação ao Estado, começando na forma lei - porque eu também organizei de uma determinada forma, pegando alguns autores da escola da lógica - e, a partir dessa recomposição, eu procurei fazer uma derivação semelhante para explicar a questão do surgimento da indústria cultural. Aí tem as suas particularidades. Então, foi um exercício que eu fui fazendo e que foi ganhando terreno dentro da estrutura metodológica da tese. Mas, o resto não está desconsiderado.

**PABLO BASTOS: Embora seja referência central na escola brasileira da Economia Política da Comunicação, seu principal espaço de institucionalização segue sendo a Economia. Como enxerga esse seu lugar de fronteira entre os estudos da Comunicação e da Economia?**

CÉSAR BOLAÑO: Pouco confortável (risos). Na verdade, eu dediquei muito tempo da minha vida trabalhando sobre a comunicação e eu circulei muito nos congressos e nas entidades da comunicação. Apesar de que eu nunca abandonei a economia. Eu sou sócio fundador da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP), em cujos eventos eu aparecia sempre. Mas, eu tive que focar porque eu estava construindo uma coisa com outros companheiros. É como uma divisão: eu sou professor do Departamento de Economia, dou aula de economia, dou aula de macro, micro, economia política etc. Mas o meu trabalho de pesquisa é sobre a Economia Política da Comunicação e eu circulo no campo da comunicação, mais do que no campo da economia, em que não sou tão conhecido como eu sou no campo da comunicação. No campo da comunicação, tem outro problema: pouca gente estudou economia, as pessoas não sabem exatamente do que se trata e, mesmo quem estudou economia, menos gente ainda leu *O Capital* e muita gente tem uma visão extremamente preconceituosa em relação ao Marx ou, mesmo, quando a pessoa gosta do Marx, não tem a formação e não tem a perspectiva mais sólida para poder entender exatamente do que se trata. Então, é uma área que incorpora com muita facilidade os preconceitos que são gerados de fora. Então, por exemplo, a velha questão do determinismo. É uma idiotice, vamos dizer assim. Você pode dizer que as teorias da dependência cultural e do imperialismo cultural são deterministas, porque elas dão uma relevância ao campo econômico em relação ao outro. Tudo bem, é uma discussão que acontece ali, num determinado momento, mas isso é uma crítica que se pode fazer àqueles estudos, embora esteja uma crítica exagerada, porque não é bem por aí. Mas, é uma crítica que não tem nada a ver com o pensamento do Marx e que, no entanto, é estendida. Então você tem já naquele momento um monte de gente que vai fazer uma grande crí-



tica ao pensamento marxista, dizendo que ele é determinista. E essas pessoas são as mais deterministas tecnológicas! Vão pegar o McLuhan e vão se servir da coisa mais banal, do materialismo mais vulgar e mais determinista para fazer a crítica de um determinismo, que é uma coisa complexa. Tem autores deterministas e tem outros que não são. O pensamento do Marx propriamente não é. Então, tem toda uma confusão que circula muito forte no terreno da Comunicação e eu acho que eu sofri incompreensão, muitas vezes, porque o debate não chega nem a começar, muitas vezes o debate morre lá no início, quando você toma posição preconceituosa desse tipo.

Eu acho que tive um trabalho no campo da comunicação, de uma certa maneira eu continuo tendo. O pessoal que me acompanha, meus amigos, colegas que trabalham comigo etc., são em sua maioria do campo da comunicação. Mas, de uns tempos para cá, vamos dizer desde o início da pandemia ou um pouquinho antes, eu estou mais preocupado em aprofundar os meus estudos e a minha produção no campo da economia, mas agora carregando para a economia as descobertas que nós fizemos coletivamente na comunicação para o terreno da economia. Isso hoje é uma felicidade, com a economia da internet, da maneira como ela se constituiu hoje, com as plataformas etc., está na onda. Já antes, esse processo já vinha quando os nossos colegas, por exemplo, dos Estudos Culturais - que acham que nós somos deterministas - vão procurar alianças com economistas convencionais para poder entender um problema que eles não têm a capacidade de entender. Tem a problemática das chamadas indústrias criativas. Enfim, começa a ficar muito evidente o aspecto econômico da comunicação. Então, isso acaba ajudando a nossa inserção no debate, tanto de um lado como do outro. De qualquer maneira, a nossa posição continua sendo desconfortável, porque praticamente não temos pós-graduação em Economia Política da Comunicação. Na economia isso não existe. Eles sabem que existem pessoas que lidam com isso e acham interessante, mas não está em currículo nenhum. Não faz parte, então. A gente continua sendo um grupo periférico no interior tanto da economia como na comunicação no Brasil.

**MANOEL BASTOS: Sabemos que, mesmo dentro da EPC, Marx e o marxismo não constituem corrente teórica unânime, talvez nem hegemônica em alguns espaços de institucionalização. No campo da Comunicação, certamente os pesquisadores de Marx e do marxismo estamos em uma posição bastante minoritária. Como você enxerga hoje o espaço do marxismo na EPC e no campo da Comunicação?**

CÉSAR BOLAÑO: Com relação à comunicação, é aquilo que eu já falei. Não acho que isso seja particularmente ruim. Eu disse que é desconfortável porque a gente tem que dar nó em pingo d'água para estar no debate. Mas, a gente tem uma vantagem muito grande, que é o método. Nós temos uma capacidade de entendimento da realidade que os outros não tem. Isso daí



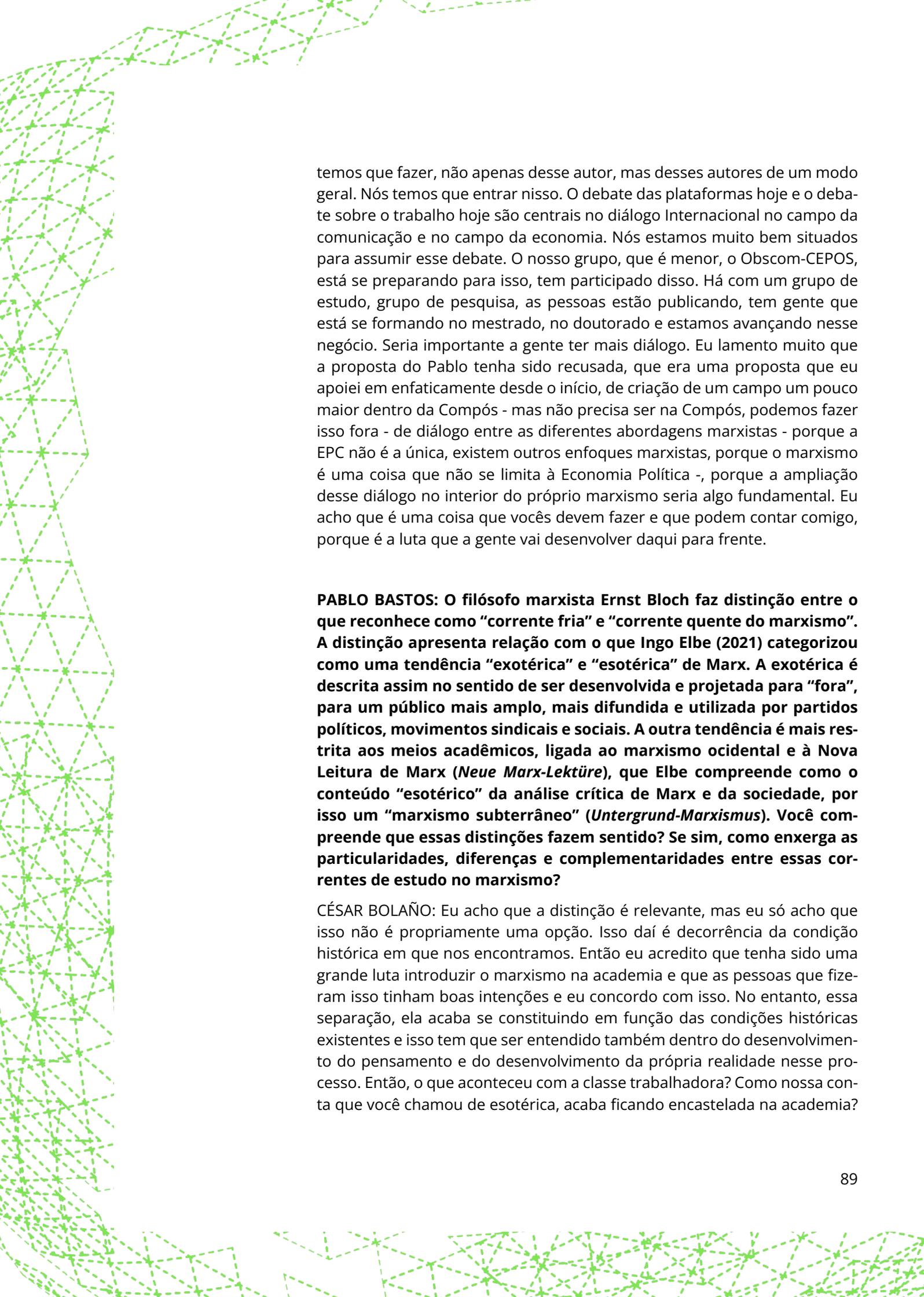
está muito evidente. Por exemplo, quando surgiu a internet, todo mundo achava que aquilo era uma maravilha. Todo mundo na comunicação entrou na onda. Eu cito sempre um jornalista, muito conhecido, não vou falar o nome dele aqui, que quando surgiu a televisão segmentada ele dizia: olha, agora não existe mais controle da informação, porque agora uma pessoa pode ter acesso a 500 canais. Na época, eu escrevi dizendo que não era bem assim. Depois, com a internet, esse mesmo jornalista disse a mesma coisa. "Mas, já não tinha acabado?" (risos) Na verdade, ele não disse que se enganou, mas ele disse que agora, com a internet, não existe mais controle da informação, a mesma conversa. Então, isso é uma coisa recorrente. Nós temos a capacidade crítica, que é herança do pensamento crítico marxista. Hoje em dia, todo mundo está dizendo que com a inteligência artificial o mundo vai acabar, os robôs vão tomar conta da realidade. Também tem esse outro negócio, de ficção científica. Então, nós temos uma vantagem, temos um pensamento sério e muito sólido, que tem 200 anos de elaboração, de grandes figuras intelectuais e gente engajada com as lutas sociais. Nós temos orgulho da nossa tradição. Quer queiram, quer não, somos respeitados. Isso é um ponto pacífico. Agora, o fato de sermos periféricos - talvez não seja a palavra, porque nós somos contra-hegemônicos. O contra-hegemônico é necessariamente minoritário, você não pode ser majoritário não sendo hegemônico, se não seria outra coisa.

Isso no campo da comunicação, no campo da economia a discussão seria um pouco diferente. Não vou entrar nela aqui agora, mas de qualquer maneira, no campo da economia o pensamento marxista também tem sido escanteado já faz muito tempo. Aliás, é um movimento mundial, isso tem acontecido há décadas. Mas, na verdade, quando Marx escreveu não tinha nenhuma relação com a academia. Quer dizer, todo o pensamento marxista foi construído dentro do movimento operário. Nós é que recebemos a tradição universitária, nós que temos essa formação. Mas, vamos dizer, não é necessariamente o campo de atuação dos marxistas de um modo geral. O problema que nós precisaríamos enfrentar na área é a nossa relação com os movimentos sociais. Isso é um problema que, quando nós fundamos a União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (Ulepicc), estava posto no primeiro plano. Nós temos um tipo de produção acadêmica, que nós gostamos, achamos fundamental; no entanto, a nossa relação com o movimento social precisaria ser maior. Porque o movimento social no campo da comunicação, o campo da democratização da comunicação, por exemplo, muitas vezes é influenciado por teorias funcionalistas. Esse é um problema que nós deveríamos enfrentar e eu acredito que as nossas organizações têm tentado enfrentar da maneira possível.

Com relação à própria Economia Política da Comunicação, existem diferentes tradições. Então, nós temos uma tradição brasileira que é esta que nós criamos, um grupo pequeno, mas forte que foi criando, ao longo do tempo, essa tradição, que é uma tradição marxista e que tem esse tipo de influên-



cia. É nesse conjunto que meu trabalho circula. Mas, você tem depois outras pessoas que vão se considerar Economia Política da Comunicação que vêm de outras origens. Alguns, inclusive, nem leram o Marx ou não o leram originalmente, que vem de outro tipo de formação, porque a comunicação não dá essa formação para as pessoas. Em terceiro lugar, você tem uma importante influência externa do pensamento europeu, do pensamento americano no campo da comunicação, uma influência do pensamento não marxista, de um pós-modernismo de esquerda, como Foucault, gente que segue essa tradição e que leva, por exemplo, a uma escola importante, como é a do Negri e Hardt e aquele grupo todo que tem uma visão extremamente equivocada e passa uma visão extremamente equivocada em relação ao marxismo. Tudo isso são influências que entram nesse campo, que acabou sendo chamado de Economia Política da Comunicação, inclusive, por influência estrangeira. Nós adotamos o termo da Economia Política da Comunicação para facilitar o nosso diálogo Internacional. Esse que é o fato. Eu não chamava isso de Economia Política da Comunicação. Quando eu escrevi minha tese queria produzir uma teoria marxista da comunicação. Os franceses não chamavam de Economia Política da Comunicação. Os franceses chamavam de Economia da Comunicação e da Cultura. Então, quem chamava isso de Economia Política da Comunicação eram os americanos e os ingleses. Nós passamos a adotar essa denominação, quando o campo começou a se unificar em nível Internacional - uma unificação que a gente precisa pensar bem, talvez seja matéria de uma outra conversa - no interior da Aieri/Iamcr a partir de 1992, basicamente, quando há uma confluência e essa chave da EPC passa a ser adotada e tal. Ela reúne diferentes perspectivas teóricas e não acho que isso seja ruim. Eu acho que isso é interessante porque mostra que existe vida lá dentro e que existe um debate. Se existisse um debate seria bastante interessante, por exemplo, com os franceses. Eu fiz uma crítica geral dos franceses, nunca recebi uma resposta. Aí já é outro problema, mas a crítica está lá, está posta. Quais são os defeitos e quais são as qualidades daquele tipo de pensamento? Nós até trabalhamos muito com eles num determinado momento, mas sempre numa perspectiva muito formal e eles evitaram sempre nos publicar. Nós sempre tivemos muita dificuldade nisso em função do tipo de estrutura acadêmica que eles têm. Eu acho que esse debate é relevante e eu acho que, quem vai continuar defendendo a perspectiva da EPC brasileira tem que entrar mesmo nesse debate. Tem que tentar furar os bloqueios e entrar na luta epistemológica. Nesse campo é mais fácil, porque as pessoas se dizem marxistas, mas sem ter o mínimo conhecimento do Marx. Eu falo, por exemplo, daquele diálogo que eu tive com o Fuchs e a linha de raciocínio dele é bastante complicada. Não vou entrar no detalhe, mas, se você for pensar numa perspectiva ortodoxa, no bom sentido, do que é o marxismo, é bastante complicada. É um autor que é um ícone hoje da EPC Internacional, mas que é pouco reconhecido fora dela. No campo da economia, por exemplo, já não tem a mesma entrada. Por isso, esse nosso debate é importante. Essa crítica nós



temos que fazer, não apenas desse autor, mas desses autores de um modo geral. Nós temos que entrar nisso. O debate das plataformas hoje e o debate sobre o trabalho hoje são centrais no diálogo Internacional no campo da comunicação e no campo da economia. Nós estamos muito bem situados para assumir esse debate. O nosso grupo, que é menor, o Obscom-CEPOS, está se preparando para isso, tem participado disso. Há com um grupo de estudo, grupo de pesquisa, as pessoas estão publicando, tem gente que está se formando no mestrado, no doutorado e estamos avançando nesse negócio. Seria importante a gente ter mais diálogo. Eu lamento muito que a proposta do Pablo tenha sido recusada, que era uma proposta que eu apoiei em enfaticamente desde o início, de criação de um campo um pouco maior dentro da Compós - mas não precisa ser na Compós, podemos fazer isso fora - de diálogo entre as diferentes abordagens marxistas - porque a EPC não é a única, existem outros enfoques marxistas, porque o marxismo é uma coisa que não se limita à Economia Política -, porque a ampliação desse diálogo no interior do próprio marxismo seria algo fundamental. Eu acho que é uma coisa que vocês devem fazer e que podem contar comigo, porque é a luta que a gente vai desenvolver daqui para frente.

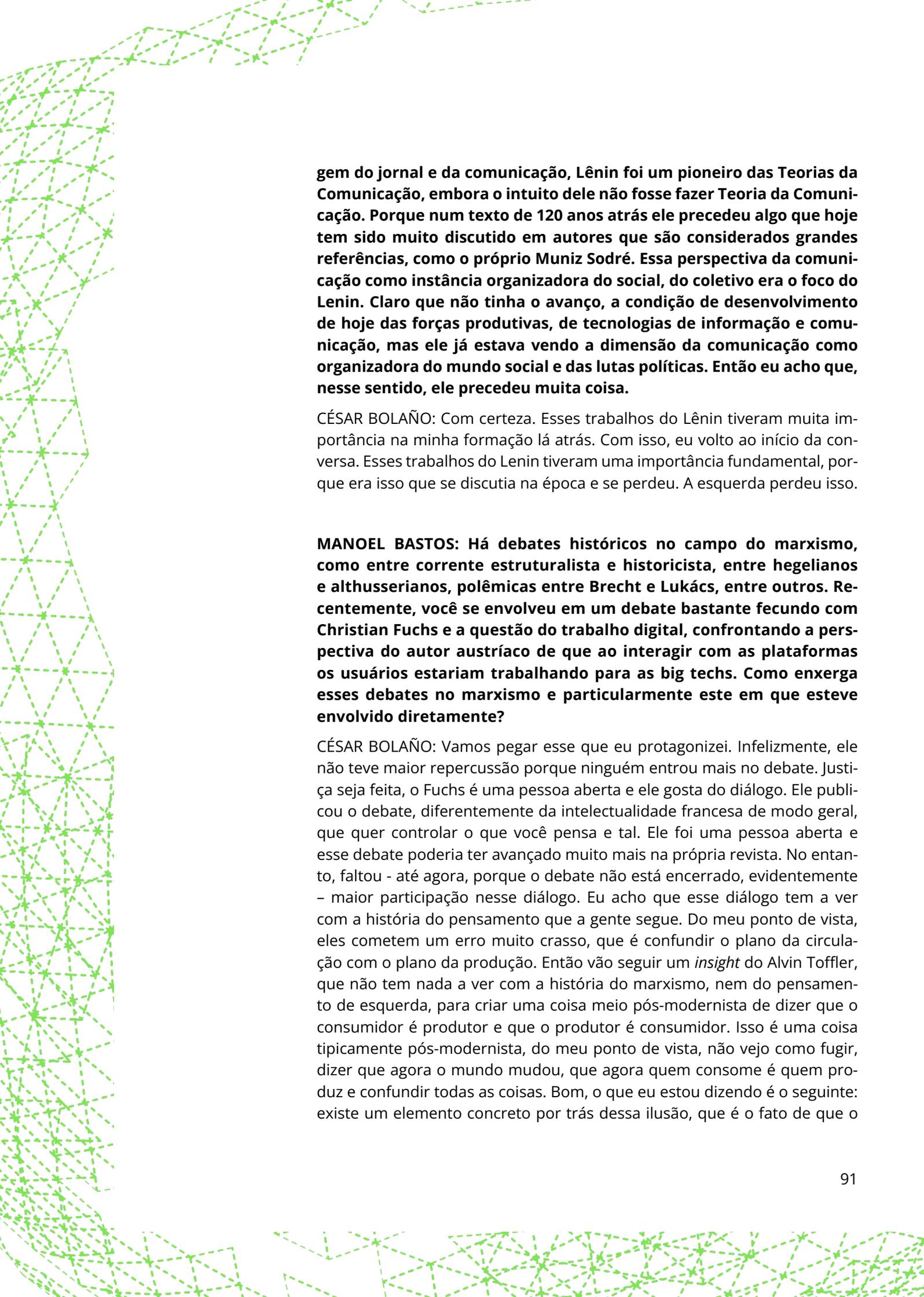
**PABLO BASTOS: O filósofo marxista Ernst Bloch faz distinção entre o que reconhece como “corrente fria” e “corrente quente do marxismo”. A distinção apresenta relação com o que Ingo Elbe (2021) categorizou como uma tendência “exotérica” e “esotérica” de Marx. A exotérica é descrita assim no sentido de ser desenvolvida e projetada para “fora”, para um público mais amplo, mais difundida e utilizada por partidos políticos, movimentos sindicais e sociais. A outra tendência é mais restrita aos meios acadêmicos, ligada ao marxismo ocidental e à Nova Leitura de Marx (*Neue Marx-Lektüre*), que Elbe compreende como o conteúdo “esotérico” da análise crítica de Marx e da sociedade, por isso um “marxismo subterrâneo” (*Untergrund-Marxismus*). Você compreende que essas distinções fazem sentido? Se sim, como enxerga as particularidades, diferenças e complementaridades entre essas correntes de estudo no marxismo?**

CÉSAR BOLAÑO: Eu acho que a distinção é relevante, mas eu só acho que isso não é propriamente uma opção. Isso daí é decorrência da condição histórica em que nos encontramos. Então eu acredito que tenha sido uma grande luta introduzir o marxismo na academia e que as pessoas que fizeram isso tinham boas intenções e eu concordo com isso. No entanto, essa separação, ela acaba se constituindo em função das condições históricas existentes e isso tem que ser entendido também dentro do desenvolvimento do pensamento e do desenvolvimento da própria realidade nesse processo. Então, o que aconteceu com a classe trabalhadora? Como nossa conta que você chamou de esotérica, acaba ficando encastelada na academia?



Não necessariamente por opção, mas porque a academia é envolvente, porque tem uma dinâmica própria que você precisa seguir. Porque também nossa relação externa com a classe trabalhadora foi cortada politicamente. Então, isso daí é um problema que nós precisamos enfrentar. A Ulepicc na sua fundação e a Ulepicc-Brasil de forma muito particular tiveram essa preocupação desde o início. Isso não é fácil para quem está encastelado lá na academia. Então, eu acho que isso tem a ver mais com um projeto de como nós poderíamos sair dessa condição. Por outro lado, quem está na linha de frente do movimento operário não sabe o que nós estamos discutindo. A discussão sobre a comunicação é uma discussão chave para as lutas do movimento operário. Tem um artigo meu, um ensaio que ganhou o prêmio dos 50 anos da Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso) e teve pouca divulgação, onde eu vou fazer uma crítica geral a esse problema da comunicação, dizendo a comunicação não é como os governos da onda rosa latino-americana viram, utilizar como marketing político como forma de conquistar corações e mentes. Quer dizer, na tradição marxista não era isso. Eu entro num debate, inclusive, com Adelmo Genro Filho, que é um autor marxista muito importante, fundador do campo dos estudos de jornalismo no Brasil, mas que acreditava que o jornalismo era uma forma de conhecimento nova e que a grande imprensa teria um papel superior que a imprensa que ele chama de artesanal não poderia ter. Ele faz uma crítica ao Mattelart e eu defendo, neste caso, o Mattelart, para dizer que não é bem assim. Porque ele cita o Lênin de depois da revolução e eu retomo um pouco os textos do Lênin anteriores sobre a construção do jornal operário para toda a Rússia e a perspectiva da construção do jornal do partido e o papel que isso tem na organização. Porque Comunicação é Organização. A gente está vendo que isso hoje é uma grande questão, ou deveria ser uma grande questão para o os movimentos de esquerda de um modo geral e não está sendo. O debate todo que nós estamos vendo é um debate que se resume ao YouTube, às redes sociais e, no caso dos partidos que estão disputando o poder - sempre institucional - é marketing, estratégias comunicacionais que não avançam em nada na construção da consciência da classe trabalhadora e da sua organização revolucionária. Então, nós estamos afastados dessa discussão. Se você verificar quem são os autores, quem são os intelectuais, os partidários que estão participando disso, você vê que nós estamos fora dessa discussão. Esse é um problema que é a Ulepicc-Brasil se propôs a tratar, que não é fácil, mas está sendo tratado. Eu acho que o problema principal nisso tudo é a desorganização da classe trabalhadora e a despreocupação da esquerda nacional com esse problema. Despreocupação ou impotência diante da situação, é um problema político grave.

**PABLO BASTOS: Curioso você mencionar esse texto do Lênin (*Que fazer?*, publicado pela primeira vez em brochura, em março de 1902). Escrevi recentemente um artigo em que eu falo que, com essa aborda-**



**gem do jornal e da comunicação, Lênin foi um pioneiro das Teorias da Comunicação, embora o intuito dele não fosse fazer Teoria da Comunicação. Porque num texto de 120 anos atrás ele precedeu algo que hoje tem sido muito discutido em autores que são considerados grandes referências, como o próprio Muniz Sodré. Essa perspectiva da comunicação como instância organizadora do social, do coletivo era o foco do Lenin. Claro que não tinha o avanço, a condição de desenvolvimento de hoje das forças produtivas, de tecnologias de informação e comunicação, mas ele já estava vendo a dimensão da comunicação como organizadora do mundo social e das lutas políticas. Então eu acho que, nesse sentido, ele precedeu muita coisa.**

CÉSAR BOLAÑO: Com certeza. Esses trabalhos do Lênin tiveram muita importância na minha formação lá atrás. Com isso, eu volto ao início da conversa. Esses trabalhos do Lenin tiveram uma importância fundamental, porque era isso que se discutia na época e se perdeu. A esquerda perdeu isso.

**MANOEL BASTOS: Há debates históricos no campo do marxismo, como entre corrente estruturalista e historicista, entre hegelianos e althusserianos, polêmicas entre Brecht e Lukács, entre outros. Recentemente, você se envolveu em um debate bastante fecundo com Christian Fuchs e a questão do trabalho digital, confrontando a perspectiva do autor austríaco de que ao interagir com as plataformas os usuários estariam trabalhando para as big techs. Como enxerga esses debates no marxismo e particularmente este em que esteve envolvido diretamente?**

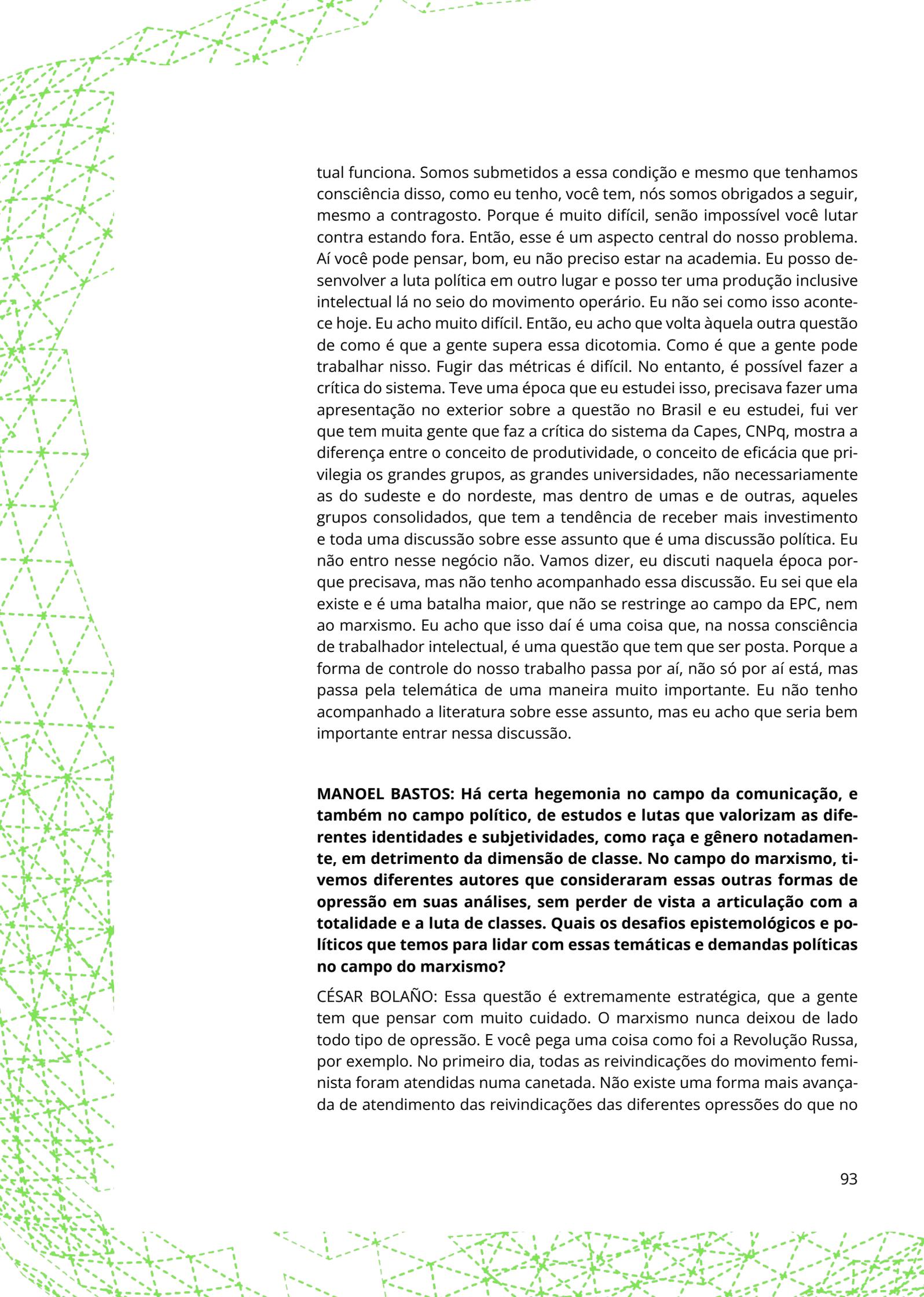
CÉSAR BOLAÑO: Vamos pegar esse que eu protagonizei. Infelizmente, ele não teve maior repercussão porque ninguém entrou mais no debate. Justiça seja feita, o Fuchs é uma pessoa aberta e ele gosta do diálogo. Ele publicou o debate, diferentemente da intelectualidade francesa de modo geral, que quer controlar o que você pensa e tal. Ele foi uma pessoa aberta e esse debate poderia ter avançado muito mais na própria revista. No entanto, faltou - até agora, porque o debate não está encerrado, evidentemente - maior participação nesse diálogo. Eu acho que esse diálogo tem a ver com a história do pensamento que a gente segue. Do meu ponto de vista, eles cometem um erro muito crasso, que é confundir o plano da circulação com o plano da produção. Então vão seguir um *insight* do Alvin Toffler, que não tem nada a ver com a história do marxismo, nem do pensamento de esquerda, para criar uma coisa meio pós-modernista de dizer que o consumidor é produtor e que o produtor é consumidor. Isso é uma coisa tipicamente pós-modernista, do meu ponto de vista, não vejo como fugir, dizer que agora o mundo mudou, que agora quem consome é quem produz e confundir todas as coisas. Bom, o que eu estou dizendo é o seguinte: existe um elemento concreto por trás dessa ilusão, que é o fato de que o



capitalismo avançado, tal como ele se apresenta hoje, utiliza os mesmos mecanismos para o controle do trabalho e para o controle social. Ou seja, para o controle da divisão do trabalho na sociedade e a divisão do trabalho na fábrica para fazer uma comparação. Há um problema aqui. Quando você pega essa discussão lá no Marx, divisão social do trabalho e divisão do trabalho na manufatura, você vê que são dois elementos opostos. A anarquia da produção se opõe ao controle despótico do processo produtivo. Aí não existe democracia. A democracia está no plano da aparência e no plano da circulação geral das mercadorias. Então existe uma contradição e é essa contradição que o Marx revela. Nossa pergunta, hoje, deveria ser: bom, o que que está acontecendo aí? Onde ficou a democracia, se esse controle do trabalho e o controle social se utilizam dos mesmos mecanismos ou de mecanismos semelhantes, que são as redes, as plataformas etc.? Porque aqui tem um problema, não dá para resolver rápido como essas pessoas querem resolver, não é só o Fuchs. E a teoria do Fuchs passa fácil porque ela é muito fácil. Eu acho que falta nesse caso uma perspectiva metodológica mais correta do Marx, na verdade. O método é tudo. A nossa arma é o método. Temos que nos armar do método para poder entender a realidade. Mas, o que que está acontecendo hoje? Eu estou vendo esta tendência de unificação, mas isso não unifica os momentos, isso não transforma o consumo e exploração. O mínimo que as pessoas deveriam fazer é dizer: bom, aqui deve haver algum tipo de mascaramento, o que que tem por trás disso? Essa é a pergunta que tem que ser feita. E não resolver rapidamente, *a la* pós-estruturalismo. Há uma solução aí de narrativa. Acho que esse é o ponto de debate. Eu acho que isso daí talvez tenha a ver também com essa dissociação que vocês estavam falando entre o exotérico e o esotérico. As pessoas estão preocupadas em encontrar uma solução ali, um modelo, uma solução genial para uma pergunta meramente acadêmica. Quando, na verdade, a questão marxiana seria outra completamente diferente.

**PABLO BASTOS: Sabemos desde Marx e dos autores da teoria crítica acerca da indissociabilidade entre a dimensão epistemológica e política, mais precisamente da economia política e da luta de classes na ciência e no trabalho de pesquisa. E cada vez mais, nosso trabalho passa a ser avaliado por métricas e análises de performance de plataformas, como o Google Scholar. Como enxerga os desafios para o trabalho científico crítico hoje, com relação às seguintes dimensões: as pressões para a produtividade, o papel central desempenhado pelas plataformas digitais, o que inclui o avanço da inteligência artificial, e a subsunção do trabalho intelectual?**

CÉSAR BOLAÑO: Bom, não sei se eu tenho muita coisa a falar sobre essa questão. Eu acho que isso daí é o que você disse. Tem a ver com a subsunção do trabalho intelectual. E mostra que a subsunção do trabalho intelec-



tual funciona. Somos submetidos a essa condição e mesmo que tenhamos consciência disso, como eu tenho, você tem, nós somos obrigados a seguir, mesmo a contragosto. Porque é muito difícil, senão impossível você lutar contra estando fora. Então, esse é um aspecto central do nosso problema. Aí você pode pensar, bom, eu não preciso estar na academia. Eu posso desenvolver a luta política em outro lugar e posso ter uma produção inclusive intelectual lá no seio do movimento operário. Eu não sei como isso acontece hoje. Eu acho muito difícil. Então, eu acho que volta àquela outra questão de como é que a gente supera essa dicotomia. Como é que a gente pode trabalhar nisso. Fugir das métricas é difícil. No entanto, é possível fazer a crítica do sistema. Teve uma época que eu estudei isso, precisava fazer uma apresentação no exterior sobre a questão no Brasil e eu estudei, fui ver que tem muita gente que faz a crítica do sistema da Capes, CNPq, mostra a diferença entre o conceito de produtividade, o conceito de eficácia que privilegia os grandes grupos, as grandes universidades, não necessariamente as do sudeste e do nordeste, mas dentro de umas e de outras, aqueles grupos consolidados, que tem a tendência de receber mais investimento e toda uma discussão sobre esse assunto que é uma discussão política. Eu não entro nesse negócio não. Vamos dizer, eu discuti naquela época porque precisava, mas não tenho acompanhado essa discussão. Eu sei que ela existe e é uma batalha maior, que não se restringe ao campo da EPC, nem ao marxismo. Eu acho que isso daí é uma coisa que, na nossa consciência de trabalhador intelectual, é uma questão que tem que ser posta. Porque a forma de controle do nosso trabalho passa por aí, não só por aí está, mas passa pela telemática de uma maneira muito importante. Eu não tenho acompanhado a literatura sobre esse assunto, mas eu acho que seria bem importante entrar nessa discussão.

**MANOEL BASTOS: Há certa hegemonia no campo da comunicação, e também no campo político, de estudos e lutas que valorizam as diferentes identidades e subjetividades, como raça e gênero notadamente, em detrimento da dimensão de classe. No campo do marxismo, tivemos diferentes autores que consideraram essas outras formas de opressão em suas análises, sem perder de vista a articulação com a totalidade e a luta de classes. Quais os desafios epistemológicos e políticos que temos para lidar com essas temáticas e demandas políticas no campo do marxismo?**

CÉSAR BOLAÑO: Essa questão é extremamente estratégica, que a gente tem que pensar com muito cuidado. O marxismo nunca deixou de lado todo tipo de opressão. E você pega uma coisa como foi a Revolução Russa, por exemplo. No primeiro dia, todas as reivindicações do movimento feminista foram atendidas numa canetada. Não existe uma forma mais avançada de atendimento das reivindicações das diferentes opressões do que no



interior de um processo de transformação socialista. Bom, o que aconteceu depois, é preciso ver. Você tem toda uma produção intelectual africana, por exemplo, marxista, no momento dos processos de Independência que é fundamental, que tem reflexos até hoje. O que está acontecendo na África hoje tem uma relação muito forte com o que aconteceu naquele momento, com o apoio que eles tiveram da União Soviética, o grande movimento anticolonial e anti-imperialista que está posto ali. As acusações de machismo, racismo ao Marx são totalmente infundadas, apesar de que, evidentemente, no interior daquele processo, dentro do sindicato, pode existir de tudo. Mas, como uma posição marxista, quando existe tem que ser denunciado. Na verdade, toda essa discussão vem dos chamados novos movimentos sociais lá dos anos 1960 e 1970. Eu acho que esses novos movimentos sociais trouxeram uma renovação para o pensamento de esquerda. E essa renovação deve ser muito bem-vinda. Então, colocar no primeiro plano a questão da raça, por exemplo, eu acho fundamental num país como o Brasil, por exemplo, em que, sei lá, 60 a 70% da população operária é negra. Porque o tipo de opressão que um operário negro e operário branco sentem talvez seja diferente. Então essa questão tem que ser pautada, tem que ser colocada. O problema que nós enfrentamos é que estas questões foram apropriadas por um pensamento integrado, inclusive imperialista, de origem norte-americana, claro. Esse é que o problema, que vem com todas as suas *fake news* (risos) em relação ao marxismo etc., porque os comunistas, a Rússia e não sei mais o que, para enxovalhar as décadas de luta do movimento operário em defesa dos direitos da mulher, direitos dos trabalhadores de um modo geral, negros, brancos e asiáticos pela independência nacional contra o colonialismo. Isso é uma luta do pensamento marxista. Então, no entanto, existe um *tour de force* que faz com que setores imperialistas se apropriem disso e que proponham formas, o que se chama hoje de identitarismo - nós somos a favor de todas as identidades, defesa das identidades, não é esse o problema. O problema é que isso que se chama hoje de identitarismo prejudica a constituição de uma consciência verdadeiramente transformadora. Porque foca em questões específicas. Veja o que acontece nos Estados Unidos, os campeões do direito dos negros. Você pega aí, negros que estão em posições chave no sistema imperialista norte-americano (Condoleezza Rice, Colin Powell, Barack Obama) como um grande exemplo de integração. Mas, o que que acontece com a população negra norte-americana? Está sendo assassinada nos guetos. Isso não resolve nada. Não é esse tipo de *approach* que vai resolver o problema, que é muito mais grave no Brasil, porque a população negra no Brasil é muito maior, é a maioria da classe trabalhadora. No limite, é ela que tem que comandar a transformação. E comandar a transformação não significa colocar um negro ou uma negra numa determinada posição na estrutura de poder do estado brasileiro. Comandar a transformação significa fazer a transformação de fato a serviço do conjunto da classe trabalhadora, que é uma classe trabalhadora majoritariamente negra. Isso para dar um exemplo, que talvez seja o exemplo mais polêmi-



co hoje no Brasil. Porque a discussão está extremamente tensionada em prejuízo dos interesses das próprias comunidades de identidade que nós temos que defender também. Agora, isso tem que entrar, de fato, como pauta específica dos projetos da esquerda brasileira, não tenha dúvida. Não dá para esconder essa discussão. Porque nós estamos vivendo hoje as consequências de uma história de escravidão, de uma história de violências e quem sofreu essas violências está reivindicando, o que é muito bom, igualdade. É preciso reforçar isso. Só que é preciso mostrar por quais caminhos efetivos uma transformação positiva pode realmente acontecer.

**PABLO BASTOS: Esse tema é realmente estratégico hoje.**

CÉSAR BOLAÑO: Sabe o que eu acho? Eu acho que muita gente já está percebendo o engodo da chamada esquerda norte-americana, o progressismo imperialista. Quando você vê, por exemplo, que a política do Joe Biden é o que é. Não é melhor certamente que a do Trump. Não sei se é pior, mas, melhor, seguramente não é. As pessoas já estão percebendo isso. O cinismo, por exemplo, na reunião da ONU, do Gustavo Petro, presidente da Colômbia. Ele disse que os argumentos que eles usam para defender o Zelensky (da Ucrânia) são os argumentos que deveriam ser usados para defender os palestinos. O cinismo é tão descarado porque você não vai enganar todo mundo durante todo o tempo. Todo mundo achava que o Obama era uma grande coisa, porque a gente achava o Obama simpático, o Obama é um negro que é um gentleman, é um cara bonitão. Só que o Obama recebeu um prêmio Nobel por antecipação e depois ele fez o que fez na Líbia. O fato dele ser negro não o redime dessa culpa. Eu acho que essa é que é a questão. Outra coisa importante é que o movimento negro mais radical e mais contundente que houve nos Estados Unidos foi destruído à bala. Os Panteras Negras foram assassinados. Esse é o progressismo norte-americano.

**PABLO BASTOS: Um comentário rápido. Em parte do movimento estudantil, hoje, pelo que observo, parece que todos os problemas do mundo vão ser resolvidos tendo mais professores negros na universidade. Tudo acaba sendo reduzido a essa pauta. Eu apoio, acho que é importante, mas não dá para reduzir todos os problemas da universidade a essa pauta. Quando lembramos do debate anterior, temos clássicos da sociologia brasileira como Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classes*, que pensa a questão racial articulada com as questões de classe. Há também feministas históricas no marxismo, Clara Zetkin, Rosa Luxemburgo. Parece que nada disso existiu, que tudo começou agora. Há uma certa ansiedade e uma falta de visão histórica sobre essas questões e as articulações na totalidade. É importante ter produções nossas também nessa área, revelando que**

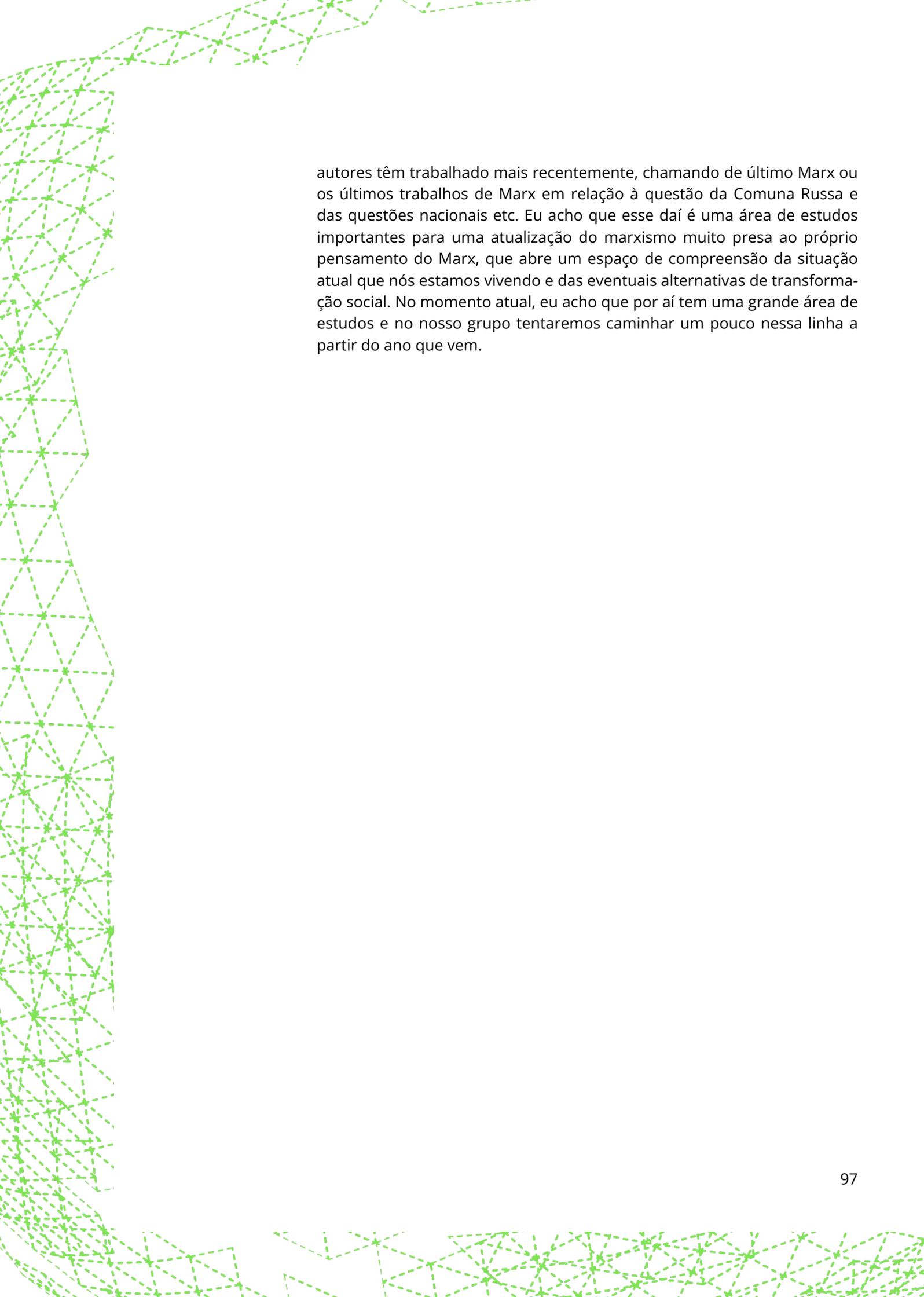


**existe uma historicidade desse debate, uma inclusão dentro das lutas de classe e do debate marxista também.**

CÉSAR BOLAÑO: E é importante também atrairmos para as nossas fileiras intelectuais mulheres e negros. Infelizmente, na EPC nós temos muito poucos. Mulheres, foi um problema maior no passado. Isso foi discutido inclusive internamente. Eu me lembro que na segunda reunião de constituição da Ulepicc nós tivemos essa discussão, porque tinha poucas mulheres no grupo. Isso daí foi levantado como um problema, porque só as mulheres é que podem trazer de fato os seus problemas para a análise com as nossas ferramentas. E houve uma preocupação forte nesse sentido, a mesma coisa com relação aos negros. É preciso chamar intelectuais jovens, intelectuais negros para se unirem às nossas fileiras para construir um pensamento negro da EPC brasileira. Isso é fundamental porque eu não posso falar sobre esse assunto sendo branco, eu posso entender, eu posso apoiar, eu posso escrever um texto, mas quem tem que assumir essa construção são os intelectuais negros que estão nas nossas fileiras. Essa é uma tarefa para vocês, trazer gente nova, bem formada, estudiosa, que vá produzir conhecimento nessa área.

**PABLO BASTOS: Para concluir, avaliamos que este dossiê apresenta um breve retrato de alguns temas emergentes e desdobramentos de objetos relevantes na interface entre comunicação e marxismo. Dentro de uma proposta de agenda de pesquisa para o campo, o que considera que são assuntos que devemos ter atenção nos próximos anos?**

CÉSAR BOLAÑO: Eu acho que esse último assunto é fundamental. Outro assunto fundamental também é aquela discussão sobre o esotérico e o exotérico. Como a EPC vai se inserir nos processos de luta da classe trabalhadora, como vai contribuir com as suas ferramentas do campo da comunicação? Acho que essas duas são questões fundamentais. Uma terceira questão que eu acho importante é o diálogo com o marxismo de um modo geral. Isso nós estamos procurando fazer no nosso grupo de estudos, conhecer o que está sendo produzido, os debates que estão acontecendo no campo do marxismo nos níveis nacional e internacional. No interior disso, uma corrente que vamos estudar com mais cuidado no ano que vem é a do marxismo no campo dos estudos decoloniais. Os estudos decoloniais surgiram com muita força, mas tem uma corrente pós-moderna que eu acredito que seja hegemônica, predominante sem dúvida. No entanto, existe um pensamento marxista muito forte lá dentro que, do meu ponto de vista, é perfeitamente aceitável. Mais do que isso, o professor Enrique Dussel, nos seus muitos trabalhos de leitura do Marx, acho que tem uma contribuição muito grande que pode nos abrir uma porta importante para o diálogo. Isso vai ter consequências nesse debate dessa última questão que estávamos colocando. Eu acho que tem uma relação forte também com aquilo que alguns



autores têm trabalhado mais recentemente, chamando de último Marx ou os últimos trabalhos de Marx em relação à questão da Comuna Russa e das questões nacionais etc. Eu acho que esse daí é uma área de estudos importantes para uma atualização do marxismo muito presa ao próprio pensamento do Marx, que abre um espaço de compreensão da situação atual que nós estamos vivendo e das eventuais alternativas de transformação social. No momento atual, eu acho que por aí tem uma grande área de estudos e no nosso grupo tentaremos caminhar um pouco nessa linha a partir do ano que vem.